

# *UM OLHAR LINGUÍSTICO E LITERÁRIO PARA O NARRADOR DO CONTO CORINTHIANS (2) X PALESTRA (1), DE ANTONIO ALCÂNTARA MACHADO*

A LINGUISTIC AND LITERATURE VIEW FOR THE NARRATOR OF THE *CORTINHLANS (2)*  
X *PALESTRA (1)* SHORT STORY, BY ANTONIO ALCÂNTARA MACHADO

James Rios Oliveira SANTOS 1  
Adenize Aparecida FRANCO 2

**Resumo:** Este trabalho apresenta análise das marcas linguístico-enunciativas que confirmam (ou não) a imparcialidade do narrador no conto *Corinthians (2) x Palestra (1)*, de Alcântara Machado. A trama narra dois fatos: a fragmentada história da protagonista Miquelina e o jogo de futebol entre Corinthians e Palestra. Para tanto, trar-se-á para esta discussão algumas reflexões acerca da relação entre literatura e futebol, bem como algumas considerações que destoam em torno da teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin, com a finalidade de (re)conhecer as dimensões do *gênero narração esportiva radiofônica* - tão apropriado pelo autor para construção da diegese.

**Palavras-chave:** Literatura. Futebol. (Im)parcialidade.

**Abstract:** This article present the analysis of the linguistic-enunciative marks that confirm or not, the narrator impartiality into the *Corinthians (2) x Palestra (1)* short story, by Alcântara Machado. The plot relates two facts: the fragmented story of the protagonist Miquelina and the football game between Corinthians and Palestra. For this, will be introuced, for this discussion, some reflections around the relation between literature and football, as well as some considerations are distoning of speech genres theory (Bakhtin), having as a purpose (re)cognize the dimensions of the radio sports narrative genre, what is very apropriate for the author to construct the diegesis.

**Keywords:** Literature. Football. (Im)parciaity

## **Considerações Iniciais**

Segundo Damatta (s/d), o futebol, que foi trazido para o Brasil no final do século XIX por meio de um documentado processo de difusão cultural, foi primordialmente praticado pelas elites, mais precisamente por estrangeiros aristocráticos que estavam ligados a uma gama de

---

1 Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do curso de Especialização em Humanidades da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

2 Doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

investidores europeus, os quais, no âmago de suas intenções, buscavam explorar oportunidades que se encontravam abertas em meio a um país em desenvolvimento nesse século. No entanto, a problemática do futebol elitista eclodiu quando os operários e negros “passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos” (GUTERMAN, 2009, p.10). Daí a justificativa para a inserção cada vez mais assídua da massa trabalhadora que encontrou, nesse esporte, um possível acesso à tão negada democracia.

Entre um jogo e outro, poder-se-ia dizer, em primeira instância, que o esporte bretão – e agora brasileiro – foi rumando à profissionalização. Fato este comprovado por meio das inúmeras competições que atraíam, nos campos de várzea, uma quantidade significativa de público que acirrava, de maneira incisiva, as partidas, o que pressupõe entender que, ainda a passos lentos, o esporte ensaiava alguns passos profissionais, pois “os melhores jogadores passaram a ser disputados e remunerados por clubes cada vez mais interessados em competir para vencer” (GUTERMAN, 2009, p.10).

O não extrapolamento do recorte desse período embrionário do futebol, que foi “adotado pelos brasileiros com uma paixão somente igualada por sua perícia em praticá-lo” (DAMATTA, s/d, p. 11), permite a este trabalho melhor situar-se no contexto em que se insere o conto *Corinthians (2) x Palestra (1)* de Antonio Alcântara Machado, já que a publicação desse texto data o ano de 1928. Advém daí a necessidade de trazer, para o corpus deste artigo, uma breve contextualização acerca da relação entre literatura e futebol, bem como algumas considerações bakhtinianas que permitem (re)conhecer as dimensões dos gêneros discursivo (narração esportiva radiofônica) e literário (conto modernista), dos quais o autor faz sua apropriação.

### **Futebol: Uma temática para a Literatura brasileira**

Em sua obra *Discurso na vida e discurso na arte* (1976), o teórico russo, Mikhail Bakhtin, pontua que não se pode dissociar um autor de sua obra, uma vez que todo discurso é constituído sobre um contexto de produção. “Quando nós cortamos o enunciado do solo real que o nutre, nós perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo” (BAKHTIN 1976, p. 11), e, assim, o texto perde seu sentido real tornando-se um produto abstrato. Nesse mesmo sentido, o autor ainda postula:

Na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. (BAKHTIN, 1976, p. 5)

Considerando, pois, as proposições do teórico acima, compreende-se que o contexto da enunciação verbal exerce, até certo ponto, algumas influências em relação à temática escolhida pelo autor para elaboração de sua obra, seja ela literária ou não.

O futebol, que segundo Guterman (2009, p.09), tornou-se um dos maiores fenômenos sociais do Brasil, pode ilustrar, dentro do contexto brasileiro, a premissa de Bakhtin, já que esse esporte “representa a identidade nacional”, uma vez que essa relação “de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país”. Logo, subtende-se que essa manifestação esportiva serviria, mais cedo ou mais tarde, como temática a ser desenvolvida dentro de uma literatura que, no momento áureo da *Semana de 22*, ganharia incisivas contribuições estéticas que foram ao seu encontro.

A *Semana da Arte Moderna*, idealizada e promovida por uma plêiade de autores como: Mário e Oswald de Andrade, Anita Malfati, Tarsila do Amaral, Paulo Prado, Alcântara Machado entre outros, situava-se no início no século XX, período em que o esporte de origem britânica esboçava uma possível profissionalização no cenário nacional, o que permitiu a Oswald de Andrade, Lima Barreto e Graciliano Ramos questionarem a sua permanência no Brasil.

Se estes, por intenções próprias não quiseram ser escalados para entrar em campo, há, por outro lado, outra plêiade de homens que “encontrou neste esporte uma sintonia fina da alma nacional, uma espécie de identidade de um povo que não sabe pensar ou sentir muito bem sem que os limites das quatro linhas intercedam (pró ou contra, não importa)” (BOSI, 2006, p.400). Dentre eles, pode-se citar: Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Aníbal Machado, o boêmio Vinícius de Moraes, José Lins do Rego e até Clarice Lispector que timidamente escreve uma crônica intitulada *Armando Nogueira, futebol e eu, coitada* ao então cronista esportivo do jornal Correio da Manhã justificando a sua não adesão ao tema em tela.

Conforme mencionado anteriormente, vale ressaltar que Alcântara Machado, autor do conto que será analisado neste trabalho, não só insere-se no período em que o futebol instala-se no país, como se apropria de seu contexto sociohistórico e faz, dele, uma nova temática para a literatura que, até então, não havia sido explorada.

Autor de vida breve (falecido em 1935), Alcântara não pode desfrutar de todo seu arcabouço literário. No entanto, foram quatro obras literárias (*Paté Baby*, *Brás Bexiga e Barra Funda*, *Laranja da China*, *Mana Maria*) e um ensaio (*Cavaquinho e Saxofone*) que merecem, segundo a crítica, uma devida atenção, já que, como acentua Bosi (2006), esse autor foi um dos mais importantes escritores da primeira geração modernista, pois tamanha foi sua contribuição para disseminação de

novos ideais literários que o fez, na brevidade de sua vida, fundar, na companhia de Paulo Prado, Oswald e Mário de Andrade, as revistas: *Terra Roxa e Outras Terras*, *Antropofagia* e a *Revista Hora*.

Dentre as contribuições incisivas de A. Machado para o modernismo brasileiro, pode-se afirmar, com respaldo em Bosi (2006, p.401), que sua consagração enquanto autor reconhecido pela academia se dá com a publicação da obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* em 1928. Obra esta que apresenta, entre outros importantes aspectos, a luta do italiano para conseguir seu dinheiro, sua ascensão social, a integralização com o brasileiro, o despreparo da cidade e dos adultos com as crianças. Não obstante, a leitura dos 11 pequenos contos reunidos na obra situa, além da crítica social diluídas em cada narrativa do autor, o processo de abasileiramento do imigrante italiano.

Desse modo, é possível empreender, novamente, que o autor em pauta apropria-se de seu contexto extraverbal para produzir suas obras (Bakhtin 1976), pois é “voltado para a vida da sua cidade que Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana um novo personagem: o imigrante” (BOSI, 2006, p.400). Ainda nesse sentido, o historiador literário pontua que “é nos contos de Brás, Bexiga e Barra Funda que se vão encontrar exemplos de uma ágil literatura citadina, realista (aqui e ali impressionista), que já não se via desde os romances e as sátiras cariocas de Lima Barreto” (BOSI, 2006, p. 401).

O imigrante, presente em boa parte de literatura, encontra-se também, como pano de fundo, no conto *Corinthians (2) x Palestra (1)* que narra a história de Miquelina e, concomitantemente, uma partida de futebol entre dois arquirrivais paulistas: Corinthians e Palmeiras.

Compreendendo, pois, a relação existente entre o futebol e a literatura, é preciso atentar para um elemento imprescindível para a construção de qualquer narrativa de cunho esportivo (crônica) ou literário (conto, romance, etc.), isto é, o narrador. Elemento este, aliás, que merece um olhar atento, já que no curso da literatura tradicional, mais precisamente desde o Realismo, já não é mais o mesmo, pois seu discurso deixa transparecer sua ideologia, posição social e, não obstante, o seu ponto de vista (Dalcastgnè, 2000).

Tratando-se de uma narrativa modernista, cuja temática volta-se para o futebol, a figura desse narrador – que, inserido nesse contexto esportivo, tende, certamente, a torcer por um time – é colocada em cheque, uma vez que o futebol “só admite dois sentimentos fortes e antagônicos: o amor e o ódio” (COSTA, s/d, p. 85), o que não caberia, salvo raras exceções, a uma crônica esportiva ou a uma narração radiofônica, situadas na esfera jornalística, em que a imparcialidade deve ser colocada em primeiro plano. Na ficção literária Machado, entretanto, o narrador apresenta marcas linguístico-enunciativas que revelam sua parcialidade diante do seu time preferido.

Para uma melhor identificação dessas marcas, este artigo lança mão de uma breve conceituação, ou melhor, de um (re)conhecimento do gênero discursivo *narração esportiva radiofônica*

afim de evidenciar o modo como seus elementos estruturais, estilo, e suas finalidades se interseccionam, formando outro texto-enunciado, uma vez que o personagem responsável em narrar a fragmentada história de Miquelina apropria-se desta linguagem, inserida nesse gênero.

### **Da narração radiofônica ao conto modernista: Algumas regularidades**

Fundamentados nas proposições bakhtinianas acerca dos gêneros do discurso, Duarte; Santos; Silva (2013) pontuam que não há comunicação humana a não ser via gêneros discursivos (BAKHTIN, 1976), uma vez que estes assumem diferentes formas de comunicação, pois a cada momento algum gênero é utilizado em determinada interação de acordo com as necessidades comunicativas. Nesse mesmo viés, os autores ainda ressaltam que, em cada nova necessidade de comunicação, novos gêneros são criados, mas estes não surgem de maneira autônoma, pois se constroem sobre as bases de outros gêneros já existentes, corroborando Bakhtin (1976, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica determinado campo (BAKHTIN, 1976, p.262).

Bakhtin (1976, p. 262) define os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que agem dentro das diversas esferas da atividade humana e são constituídos a partir de três elementos indissociáveis: o estilo, o conteúdo temático, a estrutura composicional, juntamente com as condições de produção que permitem reconhecer as finalidades de um determinado enunciado. Desse modo, ao considerar os gêneros como relativamente estáveis, pressupõe entender que tal definição se dá por sua característica um tanto quanto maleável, uma vez que estão sempre em constante modificação e desenvolvimento (DUARTE; SANTOS; SILVA, 2013).

Dentre os elementos que constituem um gênero discursivo, cabe ressaltar, com devida importância, que é no *estilo* que se encontra toda a individualidade do enunciado, embora nem todos os gêneros apresentem estilo individual. Bakhtin (2003, p.263) compreende que o enunciado é “individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve)”. Torna-se necessário ressaltar, ainda, que o *estilo* é parte intrínseca dos outros dois elementos, ou seja, da construção composicional e do conteúdo temático, visto que em conjunto com as condições de produção, constituem a totalidade de um todo do enunciado concreto.

Aplicando os conceitos bakhtinianos ao gênero *narração esportiva radiofônica*, compreende-se que este surge em função de uma necessidade comunicativa, ou seja, no início da profissionalização

*CLARÁBOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 99-110, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

do futebol, quando, segundo Guterman (2009), as partidas foram narradas por emissoras de rádio em 1931.

Narrar uma partida de futebol exige, via de regra, “uma precisão e uma rapidez na divulgação dos acontecimentos” (SILVA, 2010, p.64). Mais do que isto, os locutores radiofônicos devem, devido a compromissos comerciais, cativar o radio-ouvinte. Daí a necessidade de utilizar uma linguagem que transmita “emoções suficientes para que esse ouvinte/torcedor permaneça sintonizado nessa emissora” (SILVA, 2010, p.62). Linguagem esta que, situada na esfera jornalística, possui determinadas regras como a objetividade, clareza e a imparcialidade. Para uma melhor compreensão do gênero em pauta, o quadro abaixo ilustra, fundamentado no trabalho de Silva (2010) e sistematizado dentro das proposições do teórico russo, as dimensões desse texto-enunciado:

<i>Narração Esportiva Radiofônica</i>	
<b>Estrutura Composicional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Gênero de natureza oral;</li> <li>•Personagens reais;</li> <li>•Narrador real;</li> <li>•Tempo cronológico (situado no presente);</li> <li>•Efeitos sonoros</li> </ul>
<b>Estilo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Tipologia narrativa;</li> <li>•Frases curtas, verbos de ação, singularidade do narrador;</li> <li>•Improviso natural, utilização de metáforas, apócoses, velocidade na pronúncia;</li> <li>•Repetição de palavras e de frases inteiras;</li> </ul>
<b>Conteúdo Temático</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•O jogo de futebol a ser narrado no momento da interação verbal (momento do jogo);</li> </ul>
<b>Função social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Transmitir, em tempo real, todos os lances da partida de futebol aos torcedores;</li> </ul>

Dentre os elementos elencados acima, é no *estilo* que se pode melhor observar algumas marcas que permitem (re)conhecer a posição adotada pelo narrador, pois, além de constatar características próprias aos gêneros da esfera jornalística radiofônica (utilização de frases curtas, verbos de ação, repetição de palavras, etc.), é aí que se encontra a sua singularidade em meio ao calor de uma narração de uma partida de futebol.

Situado na esfera literária – ficção, portanto – o conto, segundo Gotlib (1991, p. 12), “não tem compromisso com o evento real. Nele, a realidade e ficção não têm limites precisos”. No entanto, a autora ainda assinala que “há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real” (*idem*, grifo nosso). É essa proximidade com o real que interessa, até certa medida, a este estudo, uma vez

que Alcântara Machado mescla, em seu conto, elementos fictícios e reais<sup>3</sup>. Na esteira dessas apropriações, vale ressaltar, novamente, que o narrador ocupa, na diegese, um lugar em evidência, pois se apropria, no momento em que narra a partida futebolística, de uma linguagem radiofônica até então não comum ao conto, o que dá margem para artigos desta natureza, cuja finalidade reside em demonstrar, de perto, o modo como esse personagem conduz a história (de Miquelina) diante da narração da partida entre Corinthians x Palestra.

### **Corinthians x Palestra e o Narrador: A parcialidade**

Antes de qualquer pontuação acerca da parcialidade do narrador, é preciso atentar para a construção literária do conto, uma vez que este é, conforme postula Sevcenko (1994, p. 32, grifo nosso), um “primor de concisão, ritmo e vibração”, pois, ao “mesmo tempo é fundamentalmente visual. É quase só imagem, movimento e ruído. *Verbos, interjeições e onomatopeia*. Só há um modo de ler esse texto: em voz alta, de um fôlego só, com o frenesi apaixonado de um locutor de futebol”. Apropriando-se, portanto, do gênero *narração esportiva radiofônica*, constata-se que algumas regularidades desse texto-enunciado – o *estilo*, por exemplo – estejam presentes ainda que num texto literário:

Priiii! (p.41) [...] A bola foi parar na extrema esquerda. Melle desembestou com ela. A arquibancada pôs-se em pé. Conteve a respiração. Delírio futebolístico no Parque Antártica (p. 42) [...] Amílcar deu uma cabeçada. A bola foi bater em Tedesco que saiu correndo com ela. E a linha toda avançou (MACHADO, 2005, p. 44).

Observa-se, diante do fragmento acima, que Machado materializa a narração radiofônica em construção literária, pois “essa é uma escrita de ênfase física, voltada para os sentidos, os nervos e os músculos, não mais para o intelecto, a sensibilidade e os sentimentos” (SEVCENKO, s/d, p. 32). Compreende-se, portanto, que o autor do conto vai ao encontro das inovações modernistas, uma vez que estas, como reitera Bosi (2006, p. 369), “atingem vários estratos da linguagem literária”. Daí a justificativa para utilização de onomatopeias (Priiiii, Gooooool!, Fiu! Reben’ta bomba! Pum!), presença das marcas de uma linguagem coloquial (O’...lh’a gasosa!, Aleguaguá, Hurra! ) e, ainda, a

---

<sup>3</sup> É possível constatar, por meio da leitura do conto, a presença de personagens como Heitor, Neco, Melle, Filipino, Amílcar, Tedesco, Matias e Imparato que, no curso da história dos clubes, vestiram as camisas de Corinthians e Palmeiras. A aproximação com a realidade estende-se, ainda, ao espaço situado na obra, isto é, no Parque Antártica, estádio pertencente ao Palmeiras Futebol Clube, localizado na zona oeste de São Paulo.

inserção de marcas comerciais como: “G. Gasparoni & Filhos e Ramenzoni” (MACHADO, 2005, p.42-46).

Na esteira das novas tendências literárias apropriadas pelo autor modernista, poder-se-ia dizer que a figura do narrador que, na concepção tradicional de Benjamin (1994, p.197), “é algo distante, e que se distancia ainda mais”, está, no conto de Alcântara Machado, narrando a fragmentada história de Miquelina e a partida entre Corinthians e Palestra, “da plateia, da arquibancada”, (SANTIAGO, 1989, p. 2), pois registra, de perto, os movimentos da torcida: “Palhetas subiram no ar. Com os gritos. Com entusiasmos. Pulavam. Dançavam” (MACHADO, 2005, p. 42).

Narrado em terceira pessoa, o texto de Machado é conduzido por um narrador onisciente intruso, pois esse “tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima” (CHIAPPINI; LEITE, 2005, p. 26), já que conhece todas as dimensões de seus personagens:

Era mesmo. *Gostava do Rocco*, pronto. Deu o fora no Biagio (o *jovem e esperançoso* esportista Biagio Panaiocchi, dirigente auxiliar da firma desta praça G. Gasparoni & Filhos e denodado meia-direita do S.C. Corinthians Paulista, campeão do Centenário) só por causa dele” (MACHADO, pág. 88, grifo nosso).

Turumbamba na geral. A cavalaria movimentou-se. *Miquelina teve medo*. (MACHADO, 2005, p. 43, grifo nosso).

Por meio de uma leitura atenta pode-se afirmar que o personagem em pauta não só narra à vontade como também torce pelo seu time predileto – isto é, o Corinthians –, pois sendo onisciente e tendo um “PONTO DE VISTA divino” (CHIAPPINI; LEITE, 2005, p. 26), poderia narrar qualquer jogo de futebol entre qualquer equipe, de qualquer Estado ou qualquer país, mas decide, por razões próprias, narrar o jogo de seu time, mais precisamente a partida em que a equipe alvinegra vence seu arquirrival dentro de sua própria casa. Fato este observado já no título *Corinthians (2) x Palestra (1)* (MACHADO, s/d, p. 1, grifo nosso). Nesse mesmo viés, ao narrar o jogo, é possível observar que são poucas às vezes em que o narrador relata as jogadas do time alverde e, quando o faz, deixa explícito, a seus interlocutores, que essa equipe é desorganizada taticamente como demonstra o seguinte fragmento: “Camisas verdes e calções negros corriam, *pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfafavam-se, brigavam*” (MACHADO, s/d, p. 42, grifo nosso)

Poder-se-ia pensar, em primeira instância, que o narrador, mantendo-se fiel à imparcialidade jornalística, apenas descreve, fielmente, a partida. Entretanto, no seguinte fragmento, é possível constatar que essa hipótese não se confirma, pois descreve, minuciosamente, a organização tática da equipe corintiana:



Biagio alcançou a bola. *Aí, Biagio!* Foi levando, foi levando. *Assim, Biagio!* *Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio!* Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. *Aí! Reparou. Hesitou. Biagio! Biagio!* Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! *É agora. Ai! Olha o Rocco!* Caiu (MACHADO, s/d, p.02, grifo nosso).

Conforme posto, constata-se, diante do excerto acima, a presença marcante de vocativos como: “*Aí, Biagio*”, “*Assim, Biagio*”, “*Salame nele, Biagio*”, “*Biagio, Biagio!*”, os quais deixam explicitar o incentivo desse narrador para com seu time na condição de torcedor, ou melhor, como “espectador que ‘co-atua’ motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto ‘torcida’ – como massa de fanáticos que berram -, realmente faz” (ROSENFELD, 1993, p. 94).

É bem verdade que, materializado em texto literário, não se pode ouvir a entonação da voz desse narrador, no entanto, algumas marcas linguístico-enunciativas presentes no conto, evidenciam, por meio do *estilo*, a necessidade daquele em abrir, por várias vezes, espaço para a torcida corintiana expressar sua euforia: “- Gooooo! Gooooo! [...] - Aleguá-guá-guá! Hurra! Hurra! Corinthians! [...] - Solt’o rojão! Fiu! Reben’ta bomba! Pum CORINTHIANS!”. Não obstante, vale ressaltar que esses recursos expressivos são limitados – em termos quantitativos – à torcida do Palestra, pois, nem a narração do gol dessa equipe é colocada de forma explícita no texto:

Centra, Matias! Centra, Matias!  
Matias Centrou. A assistência silenciou. Imparato emendou. A assistência silenciou. Imparato emendou. A assistência berrou.  
- Palestra! Palestra! Aléguá-guá! Palestra! Aleguá! Aleguá!  
(MACHADO, 2005, p.43).

Conforme se observa no fragmento acima, não há nenhuma referência explícita utilizada pelo narrador para referir-se ao gol do time alviverde. Desse modo, pode-se concluir que o mesmo procura distanciar-se o máximo possível do fato ocorrido, deixando, ao leitor, a tarefa de construir o sentido (do gol) por meio de seus vagos relatos que se restringem à movimentação entre Matias e Imparato e, não obstante, da pequena exaltação da torcida: “Palestra! Palestra! Aléguá-guá! Palestra! Aleguá! Aleguá!” (MACHADO, 2005, p.42). A construção total de sentido desse episódio – se é que assim se pode chamar – apenas termina quando

O italianinho sem dentes com um soco furou a palheta Remanezoni de contentamento. Miquelina nem podia falar. E o menino de ligas saiu de seu lugar, todo ofegante, todo vermelho, todo triunfante, e foi dizer para os primos corintianos na última fileira da arquibancada:  
-Conheceram, seus canjas! (MACHADO, 2005, p.42-43).

O gol do Corinthians, entretanto, é demonstrado no texto com muita intensidade pelo narrador, pois procura descrever o percurso de Neco até a trave adversária e, o mais importante, o momento do gol: “[...] Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou - Gooooo! Gooooo! [...] Palhetas subiram no ar. Com os gritos. Entusiasmos rugiam. Pulavam. Dançavam. E as mãos batendo nas bocas: -Go-o-o-o-o-ol!” (MACHADO, 2005, p.42-43).

O segundo gol dos corintianos é fruto de um pênalti cometido por Rocco em cima de Biagio. Pênalti este provocado – nas entrelinhas do texto – pela protagonista que pede ao namorado que “quebre” o adversário. É aproveitando esse ensejo que o narrador, sendo corintiano e talvez já um tanto furioso com a atitude de sua personagem, procura narrar, dramaticamente, o desfecho do conto com um olhar voltado para os sentimentos de Miquelina que “*pôs a mão no coração*. Depois perguntou: - Quem é que vai bater, Iolanda? – O Biagio mesmo. - *Desgraçado!*”. O resultado, como prenuncia o título, não poderia ser outro. O jogador alvinegro partiu para a cobrança e marcou.

À Miquelina restou-lhe a “tristeza” tão enfatizada pelo narrador no momento em que ela e sua amiga, Iolanda, dirigem-se para casa e, em seu trajeto, deparam-se com a excitação da torcida alvinegra, que, expressando seu fanatismo, não perde a oportunidade de satirizar seu rival: “Que é – que é? É tubarão? Não é! *Miquelina não sentia nada!* – Então que é? CORINTHIANS! *Miquelina não vivia!*” (MACHADO, 2005, p.45, grifo nosso). Não bastando demonstrar minuciosamente os sentimentos da personagem, o narrador necessita, para despojar-se de sua raiva – já natural pelo time rival e pela atitude da protagonista –, dirigir seu discurso restritamente à ela, mais precisamente quando um “gordo de lenço no pescoço desabafou: - Tudo culpa daquele Rocco!/ *Ouviu, não é Miquelina? Você ouviu?* (MACHADO, 2005, p.46).

Não bastou dizer uma vez. Foi preciso dirigir ironicamente, por duas vezes, a pergunta acima à personagem – já embriagada pela melancolia – com a intenção de entristecê-la ainda mais, ratificando, assim, o seu posicionamento enquanto torcedor. Fato este observado, também, fora do estádio, quando, certamente algum torcedor corintiano entusiasmado pela vitória afirma: “- O Palestra levou na testa” (*idem*), e ele (narrador), reiterando discretamente a afirmação do “colega” de torcida, crava: *Cretinos*. (*idem*, grifo nosso).

### Considerações Finais

Diante do exposto, constatou-se que o conto de Machado apresenta, além das características modernistas mencionadas anteriormente, uma mescla entre dois gêneros: *conto literário* e o gênero discursivo *narração esportiva radiofônica*. Desse modo, os elementos estruturais de ambos os gêneros, bem como a(s) sua(s) finalidade(s) enunciativa(s), diluem-se pela linguagem,

formando, assim, uma intergenerencidade ou como bem postulam Koch; Elias (2010), uma hibridização. Adveio daí a necessidade de trazer, para este artigo, discussões linguísticas, mais precisamente a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin, que sustentassem a noção de gênero discursivo apropriado por Alcântara Machado para dar origem à seu conto.

Brasileiro autêntico, o autor modernista deixou-se levar, como muitos brasileiros, pelo encantamento da prática do futebol. Tanto é que se pode dizer, em conformidade com as discussões realizadas neste trabalho, que a sua inovação não restringiu apenas ao plano estético, mas também na subtração de um tema latente em seu contexto extraverbal. Contexto este que não deixou de influenciar até mesmo o narrador que, mesmo situado numa dimensão literária, deveria manter-se imparcial por apropriar-se de uma linguagem pertencente à esfera jornalística. Corintiano discreto, o personagem que conduz a história de Miquelina narra os fatos segundo a sua visão e sobremaneira conforme seus sentimentos.

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 36 ed. São: Cultrix, 2006.

CHIAPINI, L; LEITE, M. *O foco narrativo*. 10 ed. São Paulo. Ave Maria: 2005.

COSTA, F. *O futebol na ponta da caneta*. In: Revista USP, s/d.

DALCASTAGNÈ, R. “Contas a prestar: o intelectual e a massa em A hora da estrela, de Clarice Lispector”. In: *Revista de crítica literária latinoamericana*. Lima-Hanover, n°51, p. 83-98, 2000.

DAMATTA, R. “Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol”. In.: *Revista USP*. São Paulo, s/d.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil*. São Paulo. Contexto, 2009.

KOCH, V, I; ELIAS, M,V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTIAGO, S. *O narrador pós-moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, PP.38-52.

SCLIAR, M. *Saturno nos trópicos: A melancolia europeia chegou ao Brasil*, São Paulo, 2011.

SEVCENKO, N. “Futebol, metrópoles, desatinos”. In: *Revista USP*. São Paulo, s/d.

SILVA, E, F. “Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador”. In.: *ECCOM*, 2010.

SILVA, A; SANTOS, J, R, O; DUARTE, P, C, O. “Uma proposta de análise dialógica do conto a pequena vendedora de fósforos, de Hans Christian Andersen” In: *X SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS* - Estudos Linguísticos e Literários. 2013. Anais. UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013.

Recebido em: 22/12/2018

Aprovado em: 17/3/2019